



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GESTÃO  
EDUCACIONAL**

**REFLEXOS DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA NA  
ESCOLA: UM DESAFIO PARA O GESTOR  
ESCOLAR**

**MONOGRAFIA DE PÓS -GRADUAÇÃO**

**Leticia Gonçalves Borin Moro**

**Santa Maria, RS, Brasil  
2012**

# **REFLEXOS DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA NA ESCOLA: UM DESAFIO PARA O GESTOR ESCOLAR**

**Letícia Gonçalves Borin Moro**

**Monografia de Pós-Graduação apresentada ao curso de  
Gestão Educacional a Distância da Universidade Federal de  
Santa Maria (EAD/UFSM)**

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Ms. Ivete Souza da Silva

Santa Maria, RS, Brasil  
2012

**Universidade Federal de Santa Maria  
Centro de Educação  
Curso de Pós Graduação em Gestão Educacional EAD**

A comissão Examinadora, abaixo assinada, aprova a monografia de conclusão de curso de Pós-Graduação em Gestão Educacional.

**REFLEXOS DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA NA ESCOLA: UM  
DESAFIO PARA O GESTOR ESCOLAR.**

Elaborada por  
**LETICIA GONÇALVES BORIN MORO**

Como requisito parcial para obtenção da  
**Pós-Graduação em Gestão Educacional**

**COMISSÃO EXAMINADORA:**

---

**Profº. Ms. Ivete Souza da Silva**  
(Presidente/Orientadora UFSM)

---

**Profº Drª Sueli Menezes Pereira**  
( 1º Examinador UFSM)

---

**Profº Drº João Luis Pereira Ourique**  
(2º Examinador UFSM )

---

**Profº Drª Maiane Liana Hatschbach Ourique**  
( Suplente UFSM)

Santa Maria, 30 de novembro de 2012.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus que a cada dia que passa me renova as forças e me permite continuar lutando pelos meus sonhos e ideais.

A minha Orientadora Professora Mestre Ivete Souza da Silva, agradeço pela atenção, carinho e ajuda na concretização deste trabalho.

As minhas colaboradoras da pesquisa pela disponibilidade e atenção em responder o questionário.

Ao meu marido, Rodrigo, pelo sempre apoio, carinho e atenção nos momentos mais necessários, compartilhando comigo meus sonhos.

## **Resumo**

Monografia de Pós Graduação  
Pós Graduação em Gestão educacional EAD  
Universidade Federal de Santa Maria

### **Reflexos da Violência Doméstica na escola: Um desafio para o Gestor Escolar.**

Autora: Leticia Gonçalves Borin Moro

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Ms. Ivete Souza da Silva

Data e local da Defesa: Santa Maria, 30 de novembro de 2012

Este trabalho tem como objetivo geral analisar como os gestores da Escola Municipal Adelmo Simas Genro, enfrentam os casos de crianças vítimas de Violência Doméstica que chegam a escola. O estudo se realizou sob a abordagem de cunho qualitativa e sobre o enfoque do estudo de caso, tendo como método para a coleta dos dados o questionário. A pesquisa teve como colaboradoras uma professora, a coordenadora pedagógica e a orientadora educacional. Para o embasamento teórico foram utilizados autores como: Azevedo (1984), Libanêo (2011), Luck (2000), Maturana (2002) (2008), Minayo (2001) Ricotta (1999), entre outros. Por meio da análise dos dados notou-se no decorrer do questionário uma constante fuga aos questionamentos e profunda objetividade nas respostas, isso demonstra a complexidade do tema e, sobretudo a falta de conhecimento do mesmo por parte dessa professora e dessas gestoras. Verifiquei que mesmo as pesquisadas afirmando sentirem-se preparadas para enfrentar os casos de crianças que chegam à escola vítimas de violência Doméstica, elas não sabem, se quer, conceituar o termo Violência Doméstica, quanto também não possuem conhecimento sobre todos os lugares de denúncias. Porém sentem-se importantes na ajuda a essas crianças. É importante frisar que talvez os gestores e professora julgam-se preparados, pelo fato de participarem constantemente de cursos de formação continuada na área pesquisada.

**Palavras-chave:** Gestão Escolar. Violência Doméstica. Infância.

## **Abstract**

Monograph Graduate  
Graduate Education Management EAD  
Universidade Federal de Santa Maria

### **Reflections of Domestic Violence in school: A challenge for the School Manager.**

Author: Leticia Goncalves Borin Moro

Advisor: Prof.. Ms. Ivete Souza da Silva

Date and place of Defense: Santa Maria, November 30, 2012

This study aims to examine how general managers Municipal School Adelmo Genro Simas, face the cases of children victims of domestic violence who come to school. The study was carried out under the imprint qualitative approach and focus on the case study, with the method of data collection questionnaire. The collaborative research was a teacher, educational coordinator and guidance counselor. For the theoretical framework were used as authors: Azevedo (1984), Libâneo (2011), Luck (2000), Maturana (2002) (2008), Minayo (2001) Ricotta (1999), among others. . Through data analysis it was noted during the survey a constant evasion of questions and answers in deep objectivity, it demonstrates the complexity of the subject, and especially the lack of knowledge of it by this teacher and these managers. I found that even the surveyed saying they felt prepared to face the cases of children who arrive at school Domestic violence victims, they do not know whether to conceptualize the term domestic violence, as also lack knowledge about everywhere complaints. But feel important in helping these children. Importantly, perhaps managers and teacher judge is prepared to participate because of constantly continuing education courses in the area searched.

**Key words:** School Management. Domestic Violence. Child.

## **LISTA DE ANEXOS**

<b>Anexo A- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido –TCLE.....</b>	<b>49</b>
<b>Anexo B- Roteiro do questionário com as Gestoras.....</b>	<b>53</b>

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	9
<b>1 REFERENCIAL TEÓRICO</b> .....	13
1.1 <b>Gestão Escolar e seus desafios</b> .....	13
1.2 <b>Violência Doméstica e seus reflexos na escola</b> .....	15
1.3 <b>Necessidade de uma gestão afetiva e comprometida</b> .....	19
<b>2 METODOLOGIA</b> .....	22
<b>3 ANÁLISE E DISCUSSÕES DOS DADOS</b> .....	25
3.1 <b>Discutindo a percepção dos gestores frente ao tema Violência Doméstica</b> .....	25
3.2 <b>O enfrentamento aos casos identificados de Crianças Vítimas de Violência Doméstica</b> .....	30
3.3 <b>A preparação das gestoras para o enfrentamento dos casos</b> .....	37
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	42
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	45
<b>ANEXOS</b> .....	48



## INTRODUÇÃO

Este estudo tem por finalidade a elaboração da Monografia de Especialização em Gestão Educacional EAD, da Universidade Federal de Santa Maria, Polo Agudo. No trabalho desenvolvido, busco fazer uma análise dos desafios que o Gestor Escolar enfrenta com os casos de crianças vítimas de violência doméstica que chegam à escola, visto que este é um assunto que está a cada dia mais frequente nas instituições escolares de todo o país, e que de acordo com alguns estudos, crianças que sofrem de violência, apresentam maiores dificuldades de aprendizagem, maior dificuldade de concentração entre muitos outros prejuízos.

Há algumas pesquisas e estudos sobre dados da Violência Doméstica. Porém é necessário frisar que existe no Brasil uma carência muito grande de pesquisas sobre a Violência Doméstica, isso provavelmente deve-se a este tema normalmente ser tratado pelas famílias que as sofrem pela “lei do silêncio”. As poucas pesquisas existentes são dados de instituições governamentais e não governamentais de regiões, e por isso revelam uma pequena dimensão dos casos existentes nacionalmente.

A Revista de Pediatria (2008), nos trás alguns dados muito relevantes para nossa reflexão. No Brasil anualmente 12% das crianças menores de 14 anos são vítimas de alguma forma de Violência Doméstica, isso significa aproximadamente que 18 mil crianças são agredidas por dia, 750 por hora e 12 por minuto. Além disso, o número de óbitos por violência doméstica ocupa o primeiro lugar na faixa etária entre 5 e 19 anos, o que significa que a violência mata mais crianças e jovens, do que doenças infecciosas e parasitárias.

Meu interesse sobre o assunto surgiu quando fiz estágio extracurricular em uma Escola Municipal de Educação Infantil de Santa Maria e notava frequentes mudanças tanto de humor quanto no comportamento das crianças. A partir daí, passei a me interessar pelo assunto, aprofundei as minhas reflexões e estudos sobre as possíveis causas e consequências que levavam essas crianças a terem constantes mudanças de comportamento e dei origem ao meu estudo de final da graduação.

Na construção de minha monografia de conclusão do curso de Pedagogia<sup>1</sup> investiguei as consequências que a Violência Doméstica causou ao longo do desenvolvimento de algumas acadêmicas do curso de Pedagogia. Agora, neste trabalho pretendo entender o outro lado, o dos profissionais da educação que recebem estas crianças na escola, pois, a violência é uma realidade da maioria das escolas, que convivem tanto com a Violência quanto com crianças vítimas de violência doméstica.

Este assunto faz-se de suma importância para nós profissionais da educação, visto que ele está presente em praticamente todas as escolas e, principalmente, nas salas de aula de todo o país. Entendo que seja também obrigação nossa tomarmos providências em prol de melhores dias para estas crianças, pois casos de crianças que sofrem violência sempre existiram, mas costumavam ficar trancados dentro das casas, como um segredo entre o agressor e o agredido.

Hoje o que nos parece é que os casos de violência aumentaram, mas o que aconteceu é que ela se encontra mais visível para a sociedade. Antes, casos de violência eram problemas internos das famílias. Essa mudança de paradigma tem como contribuição as inúmeras leis que foram sendo criadas a partir da década de 80, em defesa dos direitos das crianças e dos adolescentes, dando oportunidades para a sociedade denunciar os agressores, e assim buscar alternativas para enfrentar este problema. Dessa forma, entendo ser necessário enfrentar a questão da Violência Doméstica como sendo um problema de todos nós, ou seja, um problema social.

Mas, apesar de muitas leis terem sido implantadas, como por exemplo, a Declaração dos direitos das crianças de 1959, a convenção Internacional de 1989 que trata dos direitos das crianças, a Lei Federal 8.069/90, o qual dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente, e dá outras providências, também temos o decreto 3.597/2000, que promulga a convenção 182 e a recomendação 190 da Organização internacional do trabalho (OIT) sobre a proibição das piores formas de trabalho infantil e a ação imediata para sua eliminação, concluídas em

---

<sup>1</sup> A monografia de conclusão do curso de Pedagogia tem como título “Estudo de caso: As consequências da Violência Doméstica na vida de acadêmicas do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Santa Maria”. Foi construída no ano de 2010 no curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal de Santa Maria.

Genebra, em 17 de junho de 1999, entre muitas outras.

Porem, apesar destas muitas leis, verifico diariamente casos de Violência de todos os tipos, em todos os lugares. Será que algo está mesmo sendo feito ou as leis apenas foram criadas e ainda estão apenas no papel?

Por isso, os casos de violência doméstica devem ser tratados não como um assunto interno das famílias, mas, sim, como um problema o qual todos nós, principalmente os profissionais da educação, temos o dever de ajudar essas crianças, quebrando este ciclo de violência. Pois,

Como responsáveis pela formação intelectual, afetiva e ética dos alunos, os professores necessitam ter consciência das determinações sociais e políticos, das relações de poder implícitas nas decisões administrativas e pedagógicas do sistema e de como elas afetam as decisões e as ações levadas a efeito na escola e nas salas de aula. (LIBÂNEO, 2011, P. 297)

Mas, para que isso se concretize, faz-se necessário que todos os envolvidos nas instituições de ensino, englobando gestores e os demais profissionais que trabalham na escola, conheçam este assunto, para que saibam identificar as crianças vítimas de violência. Assim poderão contribuir das mais diversas formas para o bem estar destas crianças, diminuindo suas consequências a curto e longo prazo.

Dessa forma, apresento como problema de pesquisa o seguinte questionamento: **Será que os profissionais da Educação, englobando professores e gestores escolares, estão preparados tanto para identificar quanto para tomar as devidas providências em casos de crianças que chegam à escola vitimas de Violência Doméstica?**

Por meio deste questionamento tem-se por **objetivo geral**: Analisar como os gestores da Escola Municipal Adelmo Simas Genro, enfrentam os casos de crianças que chegam a escola vítimas de Violência Doméstica.

Como forma de viabilizar este objetivo geral, procuro responder os seguintes **objetivos Específicos**: 1) Identificar os conhecimentos dos gestores sobre o tema violência doméstica e como percebem seu papel frente ao tema; 2) Investigar quais os procedimentos tomados pelos gestores em caso de identificarem crianças vítimas de violência doméstica; 3) Verificar como se dá a

preparação dos gestores para enfrentar os casos de Crianças vítimas de violência que chegam a escola.

Para realizar esta pesquisa, busco subsídios em alguns Referenciais Teóricos, os quais foram divididos nos seguintes itens: “Gestão Escolar e seus desafios” e “Violência Doméstica e seus reflexos na escola”, “Necessidade de uma Gestão Afetiva e comprometida”. Também construo um capítulo referente à Metodologia utilizada para a realização da pesquisa. A seguir apresento a coleta dos dados e após a análise dos mesmos. E, como forma de finalizar a pesquisa apresento minhas considerações finais.

# 1 REFERENCIAL TEÓRICO

## 1.1 Gestão Escolar e seus desafios

Nos últimos anos, o termo “gestão” vem sendo utilizado para se referir a atividades administrativas. O termo se origina do latim *gero, gestum, gerere* e significa chamar para si, executar, gerar. Assim, podemos verificar de maneira clara que “a gestão não é só o ato de administrar um bem-fora-de si, mas é algo que se traz para si, porque nele está contido” (CURY (1997, p.201). Assim “o conteúdo deste bem é a própria capacidade de participação, sinal maior da democracia” (CURY, 1997, p.201). De acordo com Libâneo

A gestão refere-se a todas as atividades de coordenação e de acompanhamento do trabalho das pessoas, envolvendo o cumprimento das atribuições de cada membro da equipe, a realização do trabalho em equipe, a manutenção do clima de trabalho, a avaliação de desempenho. (Libâneo, 2011, p.349)

Nesse contexto, a gestão deve ser pensada de modo bem diferente do que aquele que se associa a dominação e ao autoritarismo da administração. Isso quer nos dizer que, hoje, a gestão propõe uma administração por meio de envolvimento e do diálogo, havendo espaço para a interação e envolvimento de todos no processo.

A partir dos Princípios Constitucionais de 1988 e da LDB 9394/96, o campo da gestão escolar é envolvido pelos fundamentos da Gestão Democrática participativa e começou a fazer parte das instituições Educacionais Brasileiras. A Gestão Educacional democrática busca construir uma administração com envolvimento de todos os pais, alunos e professores, onde todos os envolvidos no âmbito escolar têm não só o direito, mas o dever de participar das decisões de dentro da escola. Conforme apontado por Lück (2000, p. 11), a gestão escolar democrática,

[...] constitui uma dimensão e um enfoque de atuação que objetiva promover a organização, a mobilização e a articulação de todas as

condições materiais e humanas necessárias para garantir o avanço dos processos sócio educacionais dos estabelecimentos de ensino orientadas para a promoção efetiva da aprendizagem pelos alunos, de modo a torná-los capazes de enfrentar adequadamente os desafios da sociedade globalizada e da economia centrada no conhecimento.

Isso nos permite pensar a gestão democrática no sentido de uma articulação consciente entre as ações que se realizam no cotidiano das instituições escolares e o seu significado político e social. Esse é um dos desafios de um gestor escolar, fazer um trabalho articulado entre sociedade e escola, pensar no aluno e em suas necessidades, dificuldades e principalmente na realidade que o mesmo está inserido. Pois só dessa forma será possível realizar uma educação de qualidade, isto é, construir cidadãos com autonomia e críticos com os problemas da sociedade. O Gestor Educacional, segundo Luck (2000, p.16) deve ser:

[...] um gestor da dinâmica social, um mobilizador, um orquestrador de atores, um articulador da diversidade para dar unidade e consistência, na construção do ambiente educacional e promoção segura da formação de seus alunos.

Acredito que os desafios de um gestor são muitos, pois se faz necessário enfrentar a realidade da Educação Brasileira que está, a cada dia que passa, mais saturada, ou seja, alunos desinteressados, professores desestimulados, escolas sem estrutura necessária. Esses desafios se modificam se alteram e se agravam com o passar dos anos, pois estamos em um contexto de uma sociedade que se transforma, num processo dinâmico e globalizado, frente aos acontecimentos que caracterizam novas realidades sociais, econômicas, políticas, culturais, entre outros.

Essa realidade exige um gestor ousado, com coragem e vontade de transformá-la. No entanto, sabemos que não existe um padrão existente de ser gestor, pois as pessoas e situações são muito diversas entre si. Por isso espera-se da gestão escolar um exercício de múltiplas competências, que imponha novos desdobramentos e novas ações a cada rotina escolar.

Hoje, um dos grandes desafios que se apresenta para os gestores nas instituições de ensino são crianças que sofrem de violência doméstica. Essa

violência acaba trazendo para a escola inúmeras consequências para o cotidiano da mesma e, em muitos casos, prejudica o desenvolvimento das crianças. Para enfrentar este sério problema é importante à presença de um Gestor que seja capaz de mobilizar ações e faça-se dinâmico na realidade escolar. Segundo Abramovay (.2003, p.383)

A opção por práticas dialógicas de resolução dos conflitos e a aposta na cultura como espaço-tempo de co-existência demonstram que podem ser muito mais efetivas no combate à violência do que investimento instrumental em aparatos de segurança.

Assim, espera-se um profissional que demonstre respeito ao aluno, que crie um elo de confiança entre todos no ambiente escolar, que esteja atento em solucionar inclusive os pequenos problemas e dificuldades dos alunos, pois, quando é verificado algo diferente no aluno, marcas pelo corpo, dificuldade de relacionamento, medo etc, é necessário intervir, pois este aluno pode estar sofrendo de violência em sua casa, ou mesmo na escola. Este é um desafio diário tanto dos gestores quando de todos os envolvidos no processo educacional. Estar atento a pequenos fatos diários farão muita diferença para o aluno no seu processo de ensino e aprendizagem.

## **1.2 Violência Doméstica e seus reflexos na Escola.**

Infância nos remete a uma época de descobertas, de inocência, de pureza, de alegria e de liberdade. Remete-nos a uma fase de desenvolvimento, baseada nas brincadeiras e na ludicidade. Mas infelizmente essa ideia de infância, ficou silenciada para muitas crianças, por muitas décadas. De acordo com Antunes (2010, p.107)

A construção do sentimento da infância, começa a surgir a partir do século XVII, juntamente com o processo de transição para a sociedade moderna. A história da infância é marcada pela discriminação, pela marginalização e pela exploração.

A construção do sentimento de infância, como fase de desenvolvimento, ganhou força a partir da segunda metade da década de 1980, com novas Políticas Públicas voltadas para a infância. Neste período criou-se a Constituição Federal Brasileira (1988), Estatuto da Criança e do Adolescente, mais conhecido como ECA – Lei 8069/90, a Convenção Internacional dos Direitos da Criança (1989), Convenção 182, que entrou em vigor pelo decreto nº 3.597 de 12 de setembro de 2000, com o objetivo de proibir as Piores Formas de Trabalho Infantil, entre muitas outras. A partir dessas políticas públicas, as crianças passam a ser vistas como sujeitos ativos na sociedade, com direitos e deveres, tornando-se a infância, um momento privilegiado do desenvolvimento.

Apesar dessa mudança de paradigma a infância silenciada continua existindo para milhares de crianças em nossa sociedade, pois muitas delas sofrem de agressões dentro de suas próprias casas, de seus próprios familiares, sendo vítimas da Violência Doméstica. Por violência doméstica entende-se que

é todo ato ou omissão praticado por pais, parentes ou responsáveis contra crianças e ou adolescentes que, sendo capaz de causar à vítima dor ou dano de natureza física, sexual/ ou psicológica, implica de um lado, uma transgressão do poder/ dever de proteção do adulto. De outro leva a coisificação da infância, isto é, a uma negação do direito que crianças e adolescentes têm de serem tratados como sujeitos e pessoas em condições peculiar de desenvolvimento (MINAYO, 2001, p 26).

A violência doméstica não se apresenta apenas por meio de agressões físicas, mas, também, e principalmente, por agressões emocionais ou psicológicas. Este tipo de violência é muito comum dentro das famílias, onde, na maioria dos casos nem se percebe que está ocorrendo violência, pois normalmente ela inicia como uma tentativa de estabelecer controle e poder sobre o outro, e aos poucos vai crescendo e se tornando cada vez mais destrutivo. Muitas vezes ainda é vista como forma de amor, e como ferramenta de educação, pois na tentativa de educar as crianças, os pais acabam falando palavras indevidas, pesadas, que afetam o emocional das crianças, causando a violência psicológica, a qual pode causar sérios problemas psicológicos.

Por isso normalmente me deparo com crianças com problemas emocionais e, ou psicológicos na sala de aula. Crianças que são vítimas de violência doméstica dentro de suas casas, e por essa razão chegam à escola, muitas



vezes, tendo o seu desenvolvimento comprometido, adquirindo baixa capacidade de concentração e baixa autoestima. Muitas vezes são revoltadas, e além de tudo isso normalmente são rotuladas por nós educadores como “crianças problemas”.

Esta violência de acordo com Ricotta (1999), “deixa suas vítimas com medo, decepção, vergonha, frustração, perda de autoconfiança, alto conceito negativo”. Esses fatores desestabilizam o desenvolvimento da criança, ela já não acredita que pode aprender na escola, perde sua total confiança, e não confia mais em si, e passa a reproduzir na sociedade o que vive em casa. De acordo com Maturana (2002) “não nascemos nem amando nem odiando ninguém em particular”. Portanto, aprendemos isso a partir de exemplos dos adultos com os quais convivemos. Os exemplos que nós adultos transmitimos as crianças podem ser bons ou ruins e vão se refletir no desenvolvimento e nas atitudes no futuro dessas crianças.

A grande maioria dos problemas vivenciados pelas crianças em casa se reflete na escola, de acordo com Cardia (1997, p.51)

a violência doméstica e do meio-ambiente aumentam a probabilidade de fracasso escolar e de delinquência – a delinquência aumenta a violência na escola e as chances de fracasso escolar e ambas reduzem o vínculo entre os jovens e a escola.

De acordo com essas perspectivas é fundamental que os educadores e gestores educacionais passem a tratar os casos de crianças e ou adolescentes vítimas de Violência doméstica que chegam à escola, como um importante e urgente problema social a ser tratado, pois este problema afeta diretamente no desenvolvimento integral das crianças.

O Estatuto da Criança e do Adolescente (1990) atribui à escola a função de zelar pela proteção de crianças e adolescentes, esperando-se que ela, seja uma expressiva fonte de denúncias. O Estatuto da Criança e do adolescente regulamenta que

deixar o médico, professor, ou responsável por estabelecimento de atenção à saúde e de ensino fundamental, pré-escola ou creche, de comunicar à autoridade competente os casos de que tenha conhecimento, envolvendo suspeita ou confirmação de maus-tratos contra criança ou adolescente terá como pena o pagamento de uma

multa de três a vinte salários mínimos de referência, aplicando-se o dobro em caso de reincidência (ECA, Cap. II, artigo 245).

Entretanto é notável considerar que ainda existe uma distância entre o preceito legal do ECA e a prática de diversos profissionais que estão acostumados a conviverem com crianças que sofrem com maus tratos. Pois a realidade escolar já é tão rodeada de acontecimentos, conteúdos a cumprir, datas a comemorar, que se deparando com situações como estas, a grande maioria dos educadores e gestores sente-se “perdidos”, “incapazes”. Ou mesmo, preferem fingir que nada aconteceu, que fatos como estes devem ser de responsabilidades das famílias ou de instituições que cuidam dos direitos das crianças, e esquecem que a escola e todos os envolvidos são responsáveis pela segurança e bem estar das crianças não só dentro das instituições. Talvez uma das causas e da distância dos profissionais com essa realidade é a falta de conhecimento sobre o assunto, já que se prefere falar de todos os assuntos relativos à educação, menos sobre violência.

Hoje são necessários, dentro das escolas, profissionais sensíveis aos problemas sociais, e também que estes sejam conhecedores das leis. Pois, como afirma Antunes (2010, p.108),

[...] a barreira do silêncio é difícil de ser rompida, em alguns casos é preciso muita conquista para que a criança adquira confiança no adulto para que o silêncio seja rompido. Em alguns casos, um gesto realizado pelo adulto basta para que a criança rompa com seu silêncio.

Por isso uma gestão preparada e sensível a estas questões poderá fazer a diferença, pois se espera um profissional atento e carinhoso a tantos olhares necessitados de atenção,

[..] se prestarmos atenção no olhar de uma criança que sofre de algum tipo de violência, percebemos que este olhar pede proteção, carinho, atenção, compreensão e, infelizmente, muitas vezes não temos a devida sensibilidade de compreender. (ANTUNES, 2010, p.108),

Dessa forma é necessário considerar os profissionais da educação e a escola um ponto chave no enfrentamento dos casos de crianças violentadas, visto que as crianças e adolescentes tem contato diário e prolongado com as instituições e com os profissionais que atuam na mesma. Para muitas destas crianças a escola pode ser o único lugar de proteção, principalmente para as crianças e os adolescentes que são agredidos por familiares, e por isso não encontram em outros membros da família a confiança e o apoio de que tanto necessitam.

Faz-se necessário envolvimento de carinho e afeto dos gestores e professores com seus alunos, assim as crianças poderão encontrar em um olhar a fonte de segurança para denunciar seus agressores, visto que de acordo com Antunes (2010, p.109) “os professores podem torna-se um agente de transformação social”. Para que sejam agentes dessa transformação, primeiro os profissionais da educação precisam acreditar que a educação pode sim transformar a sociedade e também precisam entender que ninguém transforma nada sozinho. É necessário força de vontade, união e um profissional sensível e disposto a contribuir para o desenvolvimento integral das crianças.

### **1.3 Necessidade de uma Gestão Educacional afetiva e comprometida.**

A família e as pessoas que convivem com a criança desde seu nascimento fazem parte de seu primeiro grupo social, é este que trás os primeiros laços afetivos para a criança. Essa relação é responsável por trazer consequências tanto negativas quanto positivas para o futuro da criança. A família, conforme define Ferrari (2002, p. 28), é

[..] como a constituição de vários indivíduos que compartilham circunstâncias históricas, culturais, sociais, econômicas e afetivas. Família é uma unidade social emissora e receptora de influências culturais e de acontecimentos históricos.

Infelizmente nem sempre a família é sinônimo de proteção, e em muitos casos a convivência da criança com seus entes, em vez de ser positiva, acaba sendo uma relação negativa a qual trás influências e consequências prejudiciais para o desenvolvimento dessa criança. Pois

[..] ficamos enfermos quando nos é negado o amor como modo de convivência em qualquer idade, e na criança este adoecer tem graves consequências para o seu crescimento como um ser com consciência de si e consciência social, para ser um cidadão responsável. (MATURANA 2002, P.15)

Assim, a escola deve ser o porto seguro para crianças que não recebem afeto e carinho em casa. O desenvolvimento humano não está pautado apenas em aspectos cognitivos, mas principalmente por aspectos afetivos, ambos estão diretamente relacionados. Assim percebe-se a importância e a necessidade das crianças serem bem acolhidas no ambiente escolar, seja pelos professores, gestores e também pelos funcionários em geral.

Para construir uma boa imagem de si mesmo, o ser humano precisa ser ouvido, acolhido e, sobretudo valorizado. Pois educar não se resume apenas a transmitir conteúdos. Educar é ajudar o educando a construir consciência de si mesmo, dos outros e da sociedade em que está inserido. Para que isso se concretize é necessário um processo educativo voltado para a afetividade, no respeito mútuo entre professores, gestores e alunos. E para isso,

é preciso e até urgente que a escola vá se tornando um espaço acolhedor e multiplicador de certos gostos democráticos, como o de ouvir os outros, não por puro favor mas por dever, o de respeitá-los, o da tolerância, o do acatamento as decisões tomadas pela maioria a que não falte contudo o direito de quem diverge de exprimir sua contrariedade. O gosto da pergunta, da crítica, do debate. (FREIRE, 1995, p.91)

Muitos dos problemas apresentados pelas crianças na escola são oriundos de problemas enfrentados pelas crianças em suas casas. A escola é um seguimento da sociedade e é frequentada diariamente pelas crianças, por isso deve ser o local de resgate da autoestima dessas crianças. Para Oliveira (1998),

o aspecto afetivo tem uma profunda influência sobre o desenvolvimento intelectual. Ele pode acelerar ou diminuir o ritmo de desenvolvimento.

Entretanto esses fatores de afetividade e respeito, só serão concretizados nas instituições escolares se todos os profissionais que atuam nela se conscientizarem da importância das atitudes de cada um. Para isso, acredito que as gestões escolares das instituições sejam de suma importância para promover laços, para efetivar situações.

É importante o gestor ser alguém que tenha cuidado com as palavras escolhidas para a comunicação com todos no ambiente escolar. Também é necessário levar em consideração o tom de voz que deve ser ao mesmo tempo firme e delicado, não acusando e utilizando-se de padrões de linguagem que encorajam os alunos e os colegas educadores a realizarem sua auto avaliação. A auto avaliação pode contribuir para que tanto as crianças quanto os profissionais verifiquem suas dificuldades, busquem solucionar-las e evoluam, aprendendo a amar-se, conhecendo seus limites, pedindo ajuda quando necessário. Da mesma forma, é fundamental para um gestor, que ele seja alguém esclarecido quanto ao seu papel e suas funções nas instituições escolares. Todos os envolvidos no sistema educacional devem ter a percepção que

as escolas são, pois ambientes formativos, o que significa que as práticas de organização e de gestão educam, isto é, podem criar ou modificar os modos de pensar e agir das pessoas. Por outro lado, também a organização escolar aprende com as pessoas, uma vez que sua estrutura e seus processos de gestão podem ser construídos pelos próprios membros que a compõem. Ou seja, as pessoas mudam com as práticas organizativas, as organizações mudam com as pessoas. (LIBÂNEO, 2011, p.296)

Devido a isso, o gestor deve proporcionar discussões, debates, enfim deve encorajar os profissionais da escola a ter contato com novas metodologias, a buscarem constante formação continuada. Pois de acordo com Libâneo (2011, p.371) “O funcionamento da escola e, sobretudo, a qualidade da aprendizagem dos alunos dependem de boa direção e de formas democráticas e eficazes de gestão do trabalho escolar”.

Nem sempre os profissionais tem respeito ou valorizam as produções dos alunos, por isso é necessário esse incentivo para rever suas práticas, pois o

respeito pelas produções dos alunos se dá pela afetividade, pela valorização e isso conseqüentemente resultará em um melhor desempenho dos estudantes, pois o clima criado será de prazer, acolhimento, alegria, companheirismo e ele terá mais confiança em si mesmo, superando suas dificuldades.

## 2 METODOLOGIA

Para desenvolver esta investigação, cujo objeto de estudo foi o enfrentamento dos gestores e professores frente a casos de crianças vítimas de violência doméstica, foi importante optar por uma concepção de pesquisa que aproxime os sujeitos pesquisados do pesquisador. Por isso este estudo baseou-se em uma abordagem qualitativa. Para Chizzotti,

a abordagem qualitativa parte do fundamento de que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre o sujeito e o objeto, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito (1995, p.79).

Com isso posso salientar que a abordagem qualitativa, me permite investigar os sujeitos, dentro de suas contextualizações e complexibilidades. Ao estudar o tema, utilizei como técnica de pesquisa, o estudo de caso. Para Gil (1987, p.59) “O estudo de caso é recomendável nas fases iniciais de uma investigação sobre temas complexos, para construção de hipóteses ou reformulação do problema”, assim este se caracteriza por estudar um ou alguns objetos, de maneira a conhecê-los detalhadamente, obtendo assim respostas para minhas questões de pesquisa.

Desde que escolhi o tema, venho refletindo sobre o fato de ter que tratar de um assunto que na maioria das vezes nem se quer é comentado na escola, prefere-se fingir que casos de violência doméstica não existem ou não prejudicam o desenvolvimento das crianças. Por isso optei por utilizar como instrumento de coleta de dados o questionário, pois este trás maior confiança e menor constrangimento para os envolvidos responder as perguntas de uma maneira mais sincera. Minha intenção era realizar a pesquisa com a coordenadora, uma professora e a diretora da escola.

Para concretizar o meu trabalho entrei em contato com uma escola municipal de Santa Maria, a Escola Municipal de Ensino Fundamental Adelmo Simas Genro, localizada no Bairro Nova Santa Marta. No primeiro momento entrei em contato por telefone com a coordenadora pedagógica. Falei de minha proposta de

questionário, e, aceitando ela mesma entrou em contato com a direção e com uma professora. Logo todos os participantes foram informados e esclarecidos a respeito das intenções da pesquisa, conforme sugere as normas do comitê de ética da UFSM, e tiveram liberdade para optarem em participar ou não. Para a realização do questionário foram marcados dias e locais adequados com os gestores e professora, respeitando seus compromissos.

Assim combinei um dia para entregar-lhes o questionário, o qual, conforme o combinado não me foi respondido e devolvido de imediato. Mas, assim que responderam recebi um telefonema avisando que poderia buscá-lo.

No dia da entrega foi-me informado de que a diretora está afastada devido às eleições municipais e que seu cargo ficou sendo ocupado pela vice-diretora, a qual preferiu não participar da pesquisa, justificando não ter tido envolvimento com os casos de crianças vítimas de violência doméstica que chegaram a sua escola. Assim o questionário foi respondido também pela Orientadora Educacional a qual não estava em minha proposta inicial, mas sua participação foi de grande importância para o sucesso de minha pesquisa, já que ela tem um grande envolvimento com todas as crianças desta escola, principalmente com crianças que demonstram necessidade de algum tipo de ajuda, tanto educacional quanto psicológica etc..

A seguir os dados foram lidos e refletidos, contribuindo assim para a realização da análise dos conteúdos, pois conforme sugere Bardin (1977), a análise de conteúdo “é um conjunto de técnicas de análise das comunicações, visando, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo de mensagens”. Assim as diferentes respostas dadas no questionário foram interpretadas e dialogadas buscando um melhor entendimento para minhas dúvidas e reflexões sobre o tema. Tudo na busca de responder de uma maneira mais sensata possível aos meus objetivos.

Entretanto é importante mensurar que mesmo sendo bem receptivos ao questionário, e de demonstrarem que se envolvem nos casos que identificam de crianças que chegam à escola vítimas de violência doméstica, os profissionais envolvidos na pesquisa deram respostas curtas e bem objetivas, preferindo não se envolver. Isso me comprova que por mais que se diga o contrário, há uma grande dificuldade de lidarmos com o tema proposto.



O tema estudado é extremamente relevante em nossa sociedade e faz parte do dia a dia de basicamente todas as escolas, pois a Violência doméstica afeta todas classes em todos os lugares. Por isso é de extrema necessidade que todos os profissionais da educação, gestores e professores saibam lidar com os reflexos que esse grave assunto trás para dentro das escolas. São os gestores e professores que podem fazer alguma coisa para ao menos diminuir as consequências que esse mau causa no desenvolvimento das crianças e jovens envolvidos, mas para isso esses profissionais devem se preparar com cursos e discussões internas nas escolas.

### 3 ANÁLISES E DISCUSSÕES DOS DADOS

A partir dos estudos bibliográficos e dos dados dos questionários respondidos pelas gestoras e professora, obtive uma série de elementos que puderam me servir de base para a análise e discussões sobre o tema em questão. Dessa forma, após a realização e leitura dos questionários, aprofundo alguns pontos que julgo indispensáveis discutir, para concretizar minhas dúvidas e reflexões sobre o tema proposto.

#### 3.1 Discutindo a percepção dos gestores frente ao tema Violência Doméstica.

Apesar do tema proposto estar presente de maneira constante nas escolas, julgo necessário analisá-lo partindo da percepção dos envolvidos no sistema educacional que são os gestores e professores. Desse modo iniciei meu questionário com o seguinte questionamento:

- O que você entende por violência Doméstica?

Com esse questionamento dei meu primeiro passo para entender a percepção que os colaboradores da pesquisa têm sobre o tema proposto. Desse modo me deparei com as seguintes afirmativas:

“Toda forma de violência que acontece em âmbito familiar. Pode ser físico, psicológico ou sexual”. (coordenadora)

“São atitudes violentas que acontecem na família como agressões físicas, verbais ou sexuais”. (professora)

“A violência Doméstica não é somente a violência física, mas também a violência verbal, psicológica ou sexual”. (Orientadora Educacional)

Dessa forma posso salientar que os gestores e professora em questão possuem uma pequena percepção sobre o tema. Este que é caracterizado de

diversas formas e em diferentes bibliografias, e por diversos autores. Mas de modo geral a Violência Doméstica contra as crianças e adolescentes é caracterizada pelo Ministério da Saúde (Brasil, 1993) como sendo "uma violência interpessoal e intersubjetiva", entendida como "um abuso do poder disciplinar e coercitivo dos pais ou responsáveis", além disso é "um processo que pode se prolongar por meses e até anos" (Brasil, 1993, p. 11).

E essa violência é hoje no Brasil um dos principais problemas sociais, sendo que ela se manifesta de diferentes formas. Segundo o Ministério da saúde, (BRASIL, 2001a), existem diferentes tipos de violência, os quais são definidos e/ou conceituados da seguinte forma:

Violência Física: acontece quando uma pessoa tenta causar ou causa dano não acidental, através da força física ou de alguma arma que pode resultar ou não em lesões internas, externas ou ambas;  
Violência Sexual: constitui-se de qualquer ação em que através de força física, intimidação psicológica ou coerção em interações sexuais que possam gerar sua vitimização;  
Violência psicológica: ocorre quando uma pessoa causa ou tenta causar dano à identidade, à autoestima ou ao desenvolvimento de outra pessoa;  
Negligência: fato da família se omitir em prover as necessidades físicas e emocionais de uma criança ou adolescente.

Assim verifico que as colaboradoras apesar de demonstrarem ter ideia do que significa a Violência Doméstica, não a conceituaram, apenas citaram as formas de Violência Doméstica existentes. Somente a professora fez uma breve caracterização conforme foi possível observar em sua fala citada acima, onde a mesma se refere à violência Doméstica como sendo atos violentos que acontecem entre as famílias. Essa dificuldade em conceituar a violência doméstica demonstrada pelas gestoras e pela professora talvez seja reflexo da falta de conhecimento sobre o assunto, ou mesmo preferiram ser sucintas em suas respostas, já que esse assunto muitas vezes não é nem se quer discutido nas escolas e os profissionais procuram não se comprometerem com os casos.

Outro ponto fundamental de reflexão é sobre a caracterização de violência da orientadora educacional. Ela além de apenas citar formas de violência, trata a Violência psicológica e a Verbal como sendo formas diferentes de Violência.

No entanto, tanto a violência psicológica quanto a verbal são formas concomitantes de Violência Doméstica, pois ambas andam juntas e estão sempre

presentes em todas as outras situações de maus tratos. Os insultos verbais, as humilhações, a ridicularização, a desvalorização, a hostilização, a indiferença, a discriminação, as ameaças, a rejeição, a culpabilização, as críticas e o abandono temporário são apenas alguns exemplos da forma como o abuso emocional se manifesta, esse abuso emocional se caracteriza tanto por Violência psicológica, quanto por verbal. Faleiros (2007, p.36) caracteriza a Violência Psicológica, citando também as agressões verbais, assim

a violência psicológica é uma relação de poder desigual entre adultos dotados de autoridade e crianças e adolescentes dominados. Esse poder é exercido através de atitudes de mando arbitrário (“obedeça por que eu quero”), de agressões verbais, de chantagens de regras excessivas, de ameaças (inclusive de morte), humilhações, desvalorização, estigmatização, desqualificação, rejeição, isolamento, exigências de comportamentos ou acima das capacidades e de exploração econômica ou sexual (2007, p.36).

Outro fator que chama a atenção e, acredito ser de grande importância, é a ausência da caracterização da negligência como um tipo de violência nas falas das pesquisadas. Isso possivelmente deve-se ao fato da maioria das pessoas desconhecerem-na como uma violência. Segundo o Ministério da saúde, Negligência, é uma omissão da família e do estado

em prover as necessidades físicas e emocionais de uma criança ou adolescente. Configura-se no comportamento dos pais ou responsáveis quando falham em alimentar, vestir adequadamente seus filhos, medicar, educar e evitar acidentes. (Brasil, 1993, p. 14).

Assim a negligência se caracteriza quando os pais ou responsáveis pela criança ou adolescente não agem no sentido de suprir as necessidades físicas, de saúde, higiênicas e educacionais das crianças ou adolescentes, ou seja, é uma violência de omissão e por isso na maioria das vezes não é vista como uma violência. Mas é fundamental termos a conscientização que essa falha dos pais só pode ser vista como violência “quando tal falha não é o resultado das condições de vida além do seu controle” Azevedo (1998, p.177), ou seja, quando

os pais ou responsáveis mesmo com recursos não propiciem as necessidades básicas das crianças.

Assim é necessário refletir sobre a importância e necessidade do conhecimento não só do conceito de Violência Doméstica, por parte dos gestores e profissionais da educação, mas de suas causas e consequências, já que ela afeta diretamente no desenvolvimento das crianças e adolescentes que as sofrem.

Continuando minha reflexão, questiono as envolvidas, sobre como elas percebem seu papel frente ao tema, que ao mesmo tempo é presente nas instituições e tão complexo de se discutir. Assim obtive as seguintes respostas:

“O papel da coordenadora com a orientadora educacional é conversar com a criança, tentar de várias maneiras o diálogo e encaminhar aos órgãos competentes”. (coordenadora)

“Não posso simplesmente observar o que aconteceu sem tomar nenhuma providência”. (professora)

“Tenho um papel muito importante nestes casos, pois trabalho diretamente com todas as crianças dos anos iniciais enquanto orientadora educacional e considero que tenho uma participação especial na vida de cada um deles. Acredito que além de nos preocuparmos com o cognitivo, temos que trabalhar muito as questões de regras e valores para a melhor formação de cada cidadão”. (Orientadora educacional)

Dessa maneira, diante das falas relatadas, em primeiro lugar gostaria de refletir sobre a objetividade nos relatos, principalmente da coordenadora e da professora, onde praticamente a pergunta foi desviada de foco, foram extremamente objetivas, procuraram não se envolver. Esse desvio de foco pode nos mostrar, que existe por parte destes profissionais além da falta de conhecimento do assunto aqui abordado, falta de vontade em se comprometer com estes casos, assim como também a busca pelo não comprometimento com o questionário disponibilizado. Mas, mesmo de uma maneira simplificada procuraram dizer que de alguma forma tentam ajudar as crianças vítimas de Violência Doméstica.

Porém, percebo que apenas a orientadora educacional busca ser mais clara nas respostas, abordando a importância e a necessidade de se portar frente

ao tema, isso se comprova no trecho acima, onde relata ter consciência de sua importância na vida das crianças.

A fala da orientadora educacional nos trás a percepção de entendimento que todos os gestores e envolvidos nos sistemas educacionais devem ter. Que é de profissionais atentos e preocupados com os problemas sociais, ou seja, os problemas além da sala de aula. Pois estes que na maioria das vezes trazem consequências sérias para o desenvolvimento das crianças. Pois segundo Paro (1997,p.17),

cabe aos profissionais da educação fazerem valer o seu papel de educador, dando ênfase a um ensino mais democrático, com diálogos abertos, com informações que provoquem reflexões a respeito dos fatos sociais existentes. É importante que se trabalhe sempre com o concreto, assim o educando se sentirá estimulado a criar situações como todo o processo democrático, que é um caminho que se faz ao caminhar, o que não elimina a necessidade de refletir previamente a respeito dos obstáculos e potencialidades que a realidade apresenta para a ação.

Por isso, para conseguirmos as mudanças necessárias e desejadas nos sistemas educacionais é fundamental que os profissionais da educação percebam, como a orientadora educacional dessa escola, a importância de se preocupar e trabalhar além do cognitivo, além dos conteúdos da sala de aula. É necessário buscar um desenvolvimento integral dos alunos e isso depende inclusive de prestar atendimento as crianças vitimas de Violência Doméstica.

Por isso, um dos obstáculos que são apresentados pela realidade escolar é conseguirmos diante de tantos desafios, promover o desenvolvimento do aluno como um todo, não só com o cognitivo, pois as crianças que sofrem de maus tratos em casa, por suas famílias, apresentam de acordo com Ferrari, (2002, p.74) “sequelas imediatas ou tardias, físicas e emocionais; traduzidas em sintomas como dificuldades escolares, de relacionamento social, distúrbios psicossomáticos, até a invalidez ou a morte por homicídios ou suicídios”. Por isso faz-se necessário os gestores e profissionais da educação buscarem perceber o quão é importante e necessário envolver-se nos casos de crianças vítimas de Violência doméstica. Pois não adianta ficarmos nos preocupando apenas com os índices de aprendizagem sem nos preocuparmos, em primeiro lugar, com o bem estar e saúde dos alunos. Lembrando que uma criança bem estruturada tem

maior concentração e maior desenvolvimento tanto físico, quanto cognitivo e mental.

### **3.2 O enfrentamento aos casos identificados de Crianças Vítimas de Violência Doméstica.**

Chego agora em um ponto fundamental de minha pesquisa, a análise dos dados sobre o que os gestores e professora dessa escola fazem quando identificam crianças vítimas de violência doméstica. Ao serem questionadas sobre este aspecto, assim elas me relataram:

“Dependendo do caso tenta-se conversar com a criança, ganhando sua confiança, depois comunica-se o conselho tutelar para que faça a investigação na casa da criança”. (Coordenadora Pedagógica).

“Converso com a orientadora educacional para que ela converse com a criança e se necessário, entre em contato com o conselho tutelar”. (Professora)

“Diante das identificações dos problemas pelos professores em sala de aula, ou nas brincadeiras do recreio costuma-se chamar a criança e então através do diálogo acabamos fazendo com que ele se sinta protegido e nos relate os fatos. Se o caso for sério aciona-se o Conselho Tutelar para uma melhor investigação”. ( Orientadora Educacional)

Em primeiro lugar gostaria de pontuar que as gestoras e professora relataram tomar a mesma iniciativa. Primeiramente as participantes têm a disposição em conversar com as crianças envolvidas com a situação de violência, isso com o propósito de ganhar sua confiança, pois acreditam que ao confiar no adulto à criança poderá se abrir e contar do que sofre em casa. Mas é fundamental termos em mente que a criança na maioria das vezes é ameaçada em casa, e provavelmente não contará ao educando o que realmente se passa. Pois tem medo que o pai vá preso, tem medo de sofrer mais violência e assim omite os fatos.

Mas, sem sombra de dúvidas essa iniciativa de criar confiança com o educando é um passo muito importante e por mais demorado que possa ser pode contribuir e muito para a criança ter confiança e relatar o que sofre em casa. Assim o Gestor Educacional se faz peça chave na busca de contribuir para diminuir os casos e conseqüentemente as conseqüências que as vítimas de violência carregarão para o resto da vida.

Uma gestão participativa é capaz de envolver toda instituição escolar, sensibilizando-a que os alunos além de conteúdos precisam acima de tudo, para obter resultados satisfatórios, de atenção e carinho, precisam ser acolhidos e respeitados, assim se sentirão mais seguros para confiar e relatar para os gestores e professores possíveis maus tratos que sofrem ou que venham a sofrer em casa. Conforme Libâneo,

A participação é o principal meio de assegurar a gestão democrática, possibilitando o envolvimento de todos os integrantes da escola no processo de tomada de decisões e no funcionamento da organização escolar. A participação proporciona melhor conhecimento dos objetivos e das metas da escola, de sua estrutura organizacional e de sua dinâmica, de suas relações com a comunidade, e propicia um clima de trabalho favorável a maior aproximação entre professores, alunos e pais. (2011,p. 328)

Outro ponto marcante que julgo necessário refletir é sobre a fala da Orientadora educacional, onde a mesma afirma que se verifica algum caso sério de Violência doméstica nas crianças, aciona o Conselho Tutelar, para tomar alguma providência.

Com a fala da orientadora educacional, podemos concluir que nem sempre a violência é vista como algo sério, pois de acordo com seu relato, só merece atenção, ser investigada e encaminhada para o conselho tutelar, se for sério. No entanto, diante dessa afirmativa faço as seguintes problematizações: O que esta gestora entende como caso sério? Será que ela é vista como algo sério somente quando a criança está com marcas pelo corpo? Ou também quando demonstra comportamento diferente do que de costume?

Ao contrário do que comumente se pensa, todas as formas de violência causam danos muitas vezes irreparáveis para o desenvolvimento das crianças e por isso qualquer comportamento diferente por parte das crianças deve ser



investigado. Para Azevedo e Guerra (1984, p. 45), “As crianças “avisam” de diversas maneiras, quase sempre não verbais, as situações de maus tratos e abuso sexual”. Por isso, hoje, os profissionais da Educação devem estar cada vez mais atentos a situações cotidianas, estas podem revelar sinais fundamentais para identificar marcas dos mais variados tipos de violência.

Faz-se necessário ressaltar que cada criança reage de uma maneira diferente sobre a violência que está vivendo. Não existe uma forma ou um comportamento único capaz de revelar se a criança sofre ou não de Violência, por isso esse contato, essa aproximação dos gestores e professores com a criança é de fundamental importância, pois normalmente a Violência sofrida pela criança em casa não deixa marca aparente pelo corpo.

Porém, mesmo não existindo um sinal único que revele se as crianças estão sofrendo violência, existem vários fatores que devem ser observados e que contribuirão e muito para revelar os casos. Por isso é importante o conhecimento desses indicadores por parte dos gestores e profissionais da educação, para se verificado qualquer sinal, se tome uma providência. Pois de acordo com Silva (2001, p.55)

A qualidade da participação na escola existe, quando as pessoas aprendem a conhecer sua realidade, a refletir, a superar contradições reais, a identificar o porquê dos conflitos existentes. A participação é vivência coletiva de modo que só se pode aprender, na medida em que se conquistam os espaços para a verdadeira participação.

Por exemplo, a Violência Física é a única capaz de deixar sinal aparente no corpo, mas mesmo assim as crianças normalmente justificam os sinais dizendo que caíram, que foi brincando etc..., mas quando a criança sofre de uma violência acaba que mesmo tentando disfarçar, dá indicadores que está sofrendo de violência. Assim Azevedo, em seu livro “A violência de pais contra filhos: Procuram-se Vitimas”, nos mostra vários sinais e indicadores que devem ser de nosso conhecimento, para poder ajudar as crianças que sofrem de Violência em casa. Segundo Azevedo os indicadores de que a criança pode estar sofrendo violência física é.

**Indicadores físicos da criança/adolescentes**

- Presença de lesões físicas, que se ajustam a causa alegada;
- ocultamento de lesões antigas;
- hematomas e queimaduras em diferentes estágios de cicatrização, contusões corporais em partes do corpo, que geralmente não sofrem com quedas habituais (1984, p.45).

**Indicadores corporais das crianças e adolescentes**

- tem medo dos pais ou responsáveis;
- alega causa pouco viáveis as lesões;
- fugas do lar;
- baixa auto estima;
- considera-se merecedor de punições;
- diz ter sofrido violência física;
- desconfia de contato com adultos;
- está sempre alerta, esperando que algo ruim aconteça (1984, p.45).

Também é fundamental refletirmos sobre a violência psicológica, pois ao contrário do que muitas pessoas pensam ela é tão ou mais prejudicial que a violência física. Trata-se de uma agressão que não deixa marcas corporais visíveis, mas emocionalmente causa cicatrizes indelévels para toda a vida, e prejudica profundamente no desenvolvimento, tanto físico, quanto cognitivo do sujeito que a sofre. Por isso devemos tomar cuidado com os seguintes

**Indicadores físicos na criança e adolescentes**

- problemas de saúde, sem causas orgânicas: distúrbios de fala, distúrbios de sono, afecções cutâneas, disfunções físicas em geral.
- As sequelas são preponderantemente emocionais (AZEVEDO 1984, p.46).

**Indicadores comportamentais da criança/ adolescentes.**

- isolamento social;
- carência afetiva;
- busca conceito de si próprio;
- regressão a comportamentos infantis;
- submissão e apatia;
- dificuldades e problemas escolares, mas sem limitações cognitivas e intelectuais, tendência suicida (AZEVEDO 1984, p.46).

Outra forma de violência pouco conhecida como violência é a negligência, e também é de difícil identificação em nosso país, uma vez que muitas vezes esse estado de abandono acontece em decorrência da precária situação socioeconômica da família. Assim a criança que está sofrendo de negligência tem a tendência de apresentar os seguintes

**Indicadores físicos da criança e adolescente**

- padrão de crescimento deficiente;
- vestimenta inadequada ao clima;
- necessidades não atendidas, como higiene, alimentação, educação(evasão escola), saúde(vacinas atrasadas), fadiga constante;
- a criança sofre frequentemente acidentes por falta de cuidados;
- pouca atividade motora (AZEVEDO 1984, p.46).

**Comportamentos das crianças**

- a criança desenvolve atividades impróprias para a idade, cuidados domésticos, cuida dos irmãos mais jovens;
- isolamento social;
- carência afetiva;
- falta de conscientização e atenção devido à fadiga e necessidades não atendidas (AZEVEDO 1984, p.46).

E por último, temos a violência sexual, que pode se dizer que é uma questão de gênero, ela se dá por causa dos papéis de homem e mulher por razão social e cultural em que o homem é o dominador. Este é um problema universal, no homem é uma questão de poder e controle e que atinge as crianças, jovens e mulheres de todos os tipos, idades, lugares e classes sociais. Por isso a escola tem compromisso ético e legal de notificar às autoridades competentes casos suspeitos ou confirmados de maus-tratos, que inclui a violência sexual. Assim os profissionais da educação devem ser conhecedores dos indicadores que podem contribuir para identificar as crianças que sofrem de violência sexual. Segundo Azevedo os

**Indicadores físicos da criança e adolescente são:**

Crianças sexualmente abusadas acabam tendo uma visão diferente do mundo e dos relacionamentos.

- sofrem de culpa
- baixa estima
- problemas com sexualidade
- dificuldade de construir relações duradouras. Por isso, quanto antes recebem apoio educacional, médico e psicológico mais sanche tem de terem uma vida normal e prazerosa (1984, p.46).

Outro fator que merece comentários é sobre os encaminhamentos, que são feitos se identificados possíveis casos de violência. Todas as participantes relataram acionar o Conselho Tutelar. Este órgão de acordo com o Manual de Proteção escolar e Promoção da cidadania

é um órgão público municipal de caráter autônomo e permanente, existente em todo o Estado, cuja função é zelar pelos direitos da infância e da juventude, conforme os princípios estabelecidos pelo Estatuto da Criança e do Adolescente– ECA. ( 2009, p.19)

Por isso nota-se que as gestoras estão fazendo os encaminhamentos necessários a um órgão competente, este tem objetivo de zelar e proteger as crianças e adolescentes em situação de risco.

A legislação determina que todo cidadão, ao tomar conhecimento de qualquer tipo de violação de direitos da criança e do adolescente, deve notificar os órgãos competentes. Professores e demais profissionais da escola têm a obrigação legal de denunciar, conforme estabelece o Estatuto da Criança e do Adolescente, Lei 8069/90 em seu artigo 13, “Os casos de suspeita ou confirmação de maus-tratos contra criança ou adolescente serão obrigatoriamente comunicados ao Conselho Tutelar da respectiva localidade, sem prejuízo de outras providencias legais”.

Verificou-se também que existe falta de conhecimento sobre o tema, quando as pesquisadas relatam encaminhar os casos somente ao Conselho Tutelar. Devemos ter consciência que os órgãos para denúncia e notificações se restringem em dois, o Conselho Tutelar e a polícia. E estes devem ser do conhecimento dos profissionais da Educação. Conforme Santos,

O professor deve agir de maneira solidaria em relação às crianças e adolescentes que sofrem ou sofreram abuso, encaminhando-os em regime de prioridade absoluta aos serviços de ajuda médica, educacional, psicossocial e jurídica. (2004, p.25).

Além de ajudar dando apoio e atenção a estes alunos, os profissionais da educação, particularmente os gestores, devem agir também notificando os casos aos órgãos competentes. Conforme o Manual de Proteção escolar e Promoção da cidadania, podemos realizar as notificações nos seguintes órgãos e das seguintes maneiras:

- Por telefone: aos Conselhos Tutelares, Distritos Policiais ou Delegacias da Infância e Juventude (nos municípios onde houver);
- Por escrito: relatório às autoridades competentes com o nome completo do aluno, data de nascimento, filiação, endereço residencial e série que cursa, no qual a escola explica o que foi apurado, registrando o máximo de informações possível;
- Pessoalmente: a direção da escola comparece ao Conselho Tutelar ou ao Distrito Policial mais próximo – acompanhada ou não da criança ou do adolescente – e relata o ocorrido;
- Atendimento na escola: a escola solicita que representantes dos órgãos competentes compareçam à instituição educacional para entrevistar a criança ou o adolescente envolvido. (2009, p. 49)

Apesar de existirem muitas e variadas formas de denúncias, muitos dos profissionais da Educação que estão habituados a se depararem com estes casos ainda tem receio de se envolver. Esse medo de envolvimento pode ser verificado nas respostas das pesquisadas, onde mesmo sendo através de um questionário, o qual não revelaria seus nomes, preferiram serem breves e demonstraram fuga nas respostas das perguntas.

Por um lado, é necessário ressaltar que ainda nos dias de hoje muitos profissionais possuem medo de prejudicar a criança, acreditando que com a denúncia a criança poderá sofrer ainda mais violência como uma forma de punição. Além disso,

(...) é preciso ter cuidado com a identificação dos que sofrem com a violência, pois eles podem, tornar-se alvo de exclusão por meio de rotulamento, de silenciamento, de sujeição do educando a situações vexatórias ou de constrangimento que leva a criança a evadir a escola, ou estabelecer relações que acarretem em fracasso escolar. (AZEVEDO, 1984 P. 122)

Por outro lado, os educadores, na maioria dos casos tem medo de envolvimento, falta de conhecimento sobre o assunto, ou mesmo justificam seus discursos dizendo ganhar pouco para se envolver em outros ambitos que não seja o da aprendizagem. Em geral os profissionais da educação por medo de se “incomodar” preferem fingir que nada aconteceu, que ninguém viu nada, e rotulam as crianças flageladas, que em geral apresentam dificuldades de desenvolvimento, agitação etc, como crianças problemas, que tem déficit de aprendizagem.

Assim, verifiquei que já existe uma maior preocupação das autoridades e ministério público com estes casos, já que existem órgãos para denúncia, como a Polícia e a Conselho Tutelar. Também hoje existem vários modos de denúncia e várias leis a favor das crianças que sofrem de Violência doméstica. Porém percebo com minha pesquisa que nesta escola, por mais que as pesquisadas tenham relatado o contrário, sinto que existe falta de conhecimento e medo de envolvimento nos casos, pois dizem se envolver, apenas, se o caso for sério, sendo que todos são. Relatam também, se aproximar das crianças, ganhar confiança para que ela conte o que está sofrendo, acreditando que a criança irá contar o que sofre o que raramente acontece, pois a criança é ameaçada em casa e com medo dificilmente irá contar o que sofre de sua família.

Assim, percebo que falta ainda muita coisa a ser feita. Faltam iniciativas a serem tomadas por grande parte dos profissionais da educação, pois a escola deve ir muito além de alfabetizar, ela deve ter como objetivo garantir a qualidade de vida de sua clientela, bem como promover a cidadania, transformando a criança de hoje, em cidadãos atuantes e democráticos de amanhã.

### **3.3 A preparação das gestoras para o enfrentamento dos casos**

Outro ponto fundamental de minha análise é sobre a preparação dos profissionais da educação para enfrentar essa problemática, já que na maioria dos casos e relatos em telejornais e revistas, vemos a falta de entendimento e principalmente dificuldade de enfrentamento dos casos por parte dos profissionais envolvidos.

Por estas razões questionei as gestoras e professora se elas se sentem preparadas para enfrentar os casos de Violência doméstica que chegam à escola. Assim obtive as seguintes respostas:

“Sim. Já tivemos casos que foram encaminhados e solucionados pelos órgãos competentes”.(Coordenadora Pedagógica)

“Sim. Na comunidade que atuamos existe muita violência contra crianças”.(professora)

“Sim. Sabemos que nos dias atuais ocorrem muito este tipo de problema. Já tivemos diversos casos, eu consigo com muita facilidade conquistar a confiança das crianças, busco informações através do diálogo e normamente eles contam-me a verdade”.(orientadora Educacional)

Para minha surpresa todas as gestoras relataram estar preparadas para o enfrentamento dos casos de Violência Doméstica que chegam à escola em que atuam. Por mais que relatem estarem preparadas, particularmente não acredito que possa haver uma pessoa totalmente preparada, pois não existe um tipo apenas de caso de violência doméstica, existem muitos e dos mais variados modos. Cada caso é um caso. Cada família é uma família, cada uma com suas peculiaridades e problemas.

Assim, podemos refletir sobre a possibilidade dessa escola conter uma gestão democrática, onde um gestor é um profissional que tenha perseverança, saiba refletir, e articular todos os envolvidos na instituição de ensino, desde professores, alunos, pais e funcionários em geral. Uma gestão democrática participativa é capaz de enfrentar todos os problemas que entram na escola, porém devem ter clareza que enfrentarão momentos de tranquilidade e outros de conflitos.

Entretanto o fato de relatarem sentirem-se preparadas para enfrentar os casos de crianças vitima de violência Doméstica que chegam à escola, não nos garante afirmar que constituem uma gestão democrática. Uma gestão democrática deve garantir intensa participação em todos os ambitos da escola e também no enfrentamento dos mais variados tipos de problemas com que a escola venha a enfrentar. Pois de acordo com Demo,

a direção precisa ser democraticamente controlada por todos, incluídos os pais de alunos e a comunidade circundante. Deve ser pressionada, cobrada e seguida de perto. Este é o “milagre da democracia” \_ conseguir um mandante que promova o controle sobre si mesmo! \_ e que deveria poder ser encontrado com mais frequentemente na escola, por tratar-se de uma entidade “democratizante”. Neste sentido um diretor democrático não vai explorar a comunidade para funções que são do Estado, porque sabe que o papel principal da comunidade é “cobrar”, “exigir”, “controlar” (2002,p.150 ).

Por isso, analisando o fato de as gestoras dessa escola se sentirem preparadas para enfrentar os casos de crianças vítimas de violência doméstica, questionei-as se já participaram de cursos de preparação para enfrentar estes casos. Também questionei se estes acrescentaram na sua formação, como gestora. Assim obtive as seguintes respostas:

“Sim. Já participamos de cursos oferecidos pela secretaria Municipal de Educação em convênio com a Promotoria da Infância e adolescência. Capacitação que foi bem válida com promotor e psicólogos. Também o serviço social da Unifra trabalha na escola com os professores”.  
(Coordenadora Pedagógica)

“Participamos de uma formação na Fadisma sobre Justiça Restaurativa que abordou estes temas. A professora Luci e o Promotor Antonio Augusto realizaram algumas reuniões na escola. Toda formação que fazemos acrescenta mais saberes na nossa formação para que possamos desempenhar de maneira mais satisfatória o nosso trabalho”.  
( Professora)

“Sim. Inclusive os professores de nossa escola participaram do projeto “A Escola e os desafios da Sociedade Contemporânea- A Missão dos Educadores” promovida pela 8º CRE, SMED e Promotoria da Justiça, onde o foco principal era justamente os casos de situações de violência nas escolas e neste encontro além de aprendizagem de trabalhos como justiça restaurativa, tivemos muitos relatos por parte dos palestrantes, de sérios problemas familiares. O curso foi ótimo, a escola participou com todos os professores, em 2010 e este processo de formação teve continuidade com o grupo de disseminadores de cada escola. Toda aprendizagem nos auxilia a enfrentarmos da melhor maneira possível cada situação”. ( orientadora Educacional)

Com as respostas pude verificar que hoje, ao contrário de alguns anos atrás, já são oferecidos cursos de formação continuada que contribuem para o enfrentamento dos casos de crianças vítimas de violência doméstica. Ambas relataram ter participado de cursos diversos, oferecidos tanto por Faculdades como Ministério Público, Secretarias Municipais e Estaduais. Essa formação continuada é essencial para o enfrentamento dos casos, já que este é um assunto que apesar de não ser recente, ainda está apenas iniciando a ser levado em consideração, e ser motivo de preocupação tanto por parte do poder público, quanto por parte dos profissionais da Educação.

Acredito que estes cursos justificam, em parte, o fato das gestoras sentirem-se preparadas para enfrentar os casos de violência doméstica que são



identificadas na escola, em questão. Estes cursos com certeza são fundamentais para os Educadores e gestores conhecerem as causas e consequências da violência doméstica, ou seja, eles dão suporte e conhecimentos tanto para identificar, quanto para encaminhar os casos identificados. Sobre este assunto Duarte (1997, p.273) afirma que

pesquisar o fenômeno da violência intrafamiliar implica desejar aprender a realidade dos fatos envolvidos nesse tipo de violência, assim como sua dinâmica, sistematizar conceitos, ideias e conhecimentos, em especial, fornecer subsídios para a realização de mudanças e proposições de políticas de mudanças de combate à violência.

Esse entendimento e discussão sobre o assunto possibilitam aos gestores e profissionais envolvidos no âmbito escolar a apoiar e entender as possíveis mudanças de comportamento que as crianças violentadas normalmente demonstram em sala de aula. Essa mudança de comportamento normalmente é uma forma de pedido de “socorro” por parte das crianças. Elas esperam do professor um ser que lhe passe segurança e afeto. Assim como Freire (1996, p. 164) também acredito que “a educação é prática estritamente humana e não pode ser uma experiência fria, sem alma, em que os sentimentos e as emoções, os desejos, os sonhos devessem ser reprimidos por uma espécie de ditadura reacionalista”

A formação continuada para os profissionais da educação é de extrema importância, pois essa proporcionará desmistificar alguns conceitos que foram construídos por uma educação castradora e autoritária, onde não se levava em consideração o aluno como um ser pensante, mas sim, como um ser que apenas recebia as informações mecanicamente.

Os profissionais da Educação devem se conscientizar que a omissão frente aos casos de Violência Doméstica os torna cúmplices ou mesmo agressores passivos. Porém não é fácil envolver-se nos casos, já que os gestores e professores possuem tantas outras obrigações a cumprirem.

Devemos ter em mente que é necessário entender a escola como uma organização complexa, que apresenta vários desafios e que devemos estar conscientes que estes devem ser encarados. Almeida acredita que entender a escola como uma organização complexa

é a base sem a qual não pode ser pensada uma proposta de intervenção, a partir da visão ampliada proposta pelo paradigma da complexidade. Este entendimento é necessário porque se trata de um sistema sociocultural, constituído; de um lado, pela dimensão burocrática, com seus códigos, normas, regras, etc., e de outro, pelos acontecimentos cotidianos, marcados pelas trocas simbólicas que se realizam incessantemente entre as pessoas e os grupos. Assim, embora inserida em um sistema, tem suas particularidades que precisam ser respeitadas, porque, afinal, cada pessoa que atua nessa escola percorreu um trajeto que constitui a sua identidade e que precisa ser levada em conta.(ALMEIDA,2003, p. 102).

Mas sem dúvida uma escola com uma gestão comprometida, forte é capaz de envolver a todos, respeitar as peculiaridades de cada sujeito, pois de acordo com Duarte (1997, p.220) “O espaço educacional é um lugar privilegiado, na medida em que é possível desenvolver ações com crianças/ adolescentes, com suas famílias e com os profissionais que com eles trabalham”.

E assim cada vez mais se deve pensar em ações concretas envolvendo a todos nas instituições de ensino para enfrentar os desafios que nela se apresentam. A escola deve ser um espaço de reflexão e união, que promova cursos, palestras e formação continuada sobre os mais variados tipos de assuntos que faça parte do seu dia a dia, levando sempre em consideração sua clientela, ou seja, a realidade das crianças envolvidas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quero agora, após realizar e refletir sobre os questionários, após várias leituras e conversas informais sobre o assunto, tecer alguns breves comentários.

Em primeiro lugar gostaria de destacar a importância da realização deste trabalho, visto que este me proporcionou um maior entendimento da complexa e necessária atuação de um gestor educacional.

O gestor deve ser um profissional com visão de conjunto, articulador, um profissional capaz de integrar os diversos setores da escola. Inclusive deve estar constantemente atento aos menores detalhes e ter coragem de agir com a razão e liderança para as situações mais adversas do cotidiano. Ao realizar suas funções, deve manter em evidência a necessidade da valorização da escola, dos funcionários e, principalmente de seus alunos, para que os mesmos se sintam confiantes, estimulados e incentivados para aprender e assimilar novos conhecimentos.

É necessário deixar claro que minha intenção com a pesquisa não foi de apresentar resultados conclusivos, apenas pretende contribuir para uma reflexão acerca do papel do gestor frente a casos que, ao mesmo tempo são complexos e comuns nas escolas de todo o Brasil. Ainda com tantos casos de crianças vítimas de violência doméstica, prefere-se fingir que nada aconteceu e que ela não prejudica no desenvolvimento dessas crianças. Acredito que uma das causas desse pensamento por parte de muitos profissionais da educação é a falta de estudo sobre o assunto e também o medo de envolvimento nos casos.

Realizar um estudo sobre a importância de gestores e professores para o enfrentamento de casos da Violência Doméstica exigiu uma atitude de muita tolerância, sensibilidade e cautela, já que este assunto costuma ficar atrás do muro do silêncio. Prefere-se nem comentar o assunto, este é praticamente um tabu nas instituições escolares.

Assim, posso salientar que o que permeou minha pesquisa foram à objetividade e fuga as perguntas por parte das profissionais envolvidas, isso comprova que este tema é complexo e permanentemente não é discutido pelos

profissionais da Educação. Prefere-se, muitas vezes, fingir que as crianças vítimas de Violência doméstica não são um problema para os educadores.

Partindo dos meus objetivos, verifiquei que mesmo as pesquisadas afirmando sentirem-se preparadas para enfrentar os casos, não conseguiram se quer conceituar a violência Doméstica, isso nos mostra a falta de conhecimento sobre o assunto. Porém, mesmo sendo objetivas em suas respostas, acreditam na importância de suas ações, enquanto gestoras e professora na ajuda a essas crianças.

Outro ponto essencial de comentarmos é sobre o enfrentamento a casos de violência doméstica na escola pesquisada. Onde as gestoras afirmam quando identificados casos encaminhar ao conselho Tutelar, mas em nenhuma ocasião mencionam encaminhar a polícia, que é outro órgão para denúncia, isso também nos mostra que essas profissionais não estão tão preparadas como afirmam estar.

Talvez os gestores e professora julgam-se preparados, pelo fato de participarem constantemente de cursos de formação continuada na área pesquisada. No entanto, durante o decorrer do questionário deram respostas bem objetivas, tentaram demonstrar facilidade e normalidade em resolver essa problemática e principalmente tentaram não se comprometer com suas respostas. Isso demonstra que é bem mais difícil encarar a realidade do que se pensa, pois mesmo com o aparato metodológico que estes cursos proporcionam as gestoras apresentam, por de trás das entrelinhas, dificuldades e falta de conhecimento sobre a verdadeira e triste realidade das crianças que sofrem de Violência Doméstica.

Faz-se necessário maior conhecimento e comprometimento por parte dos profissionais da educação diante dessa problemática. Os Educadores em geral tem o poder de ajudar essas crianças pelo fato de ter facilidade de acesso a legislação, tem conhecimento de onde buscar ajuda e sobre tudo tem contato com seus alunos e familiares, todos estes conhecimentos são oriundos das capacitações que lhes são proporcionadas, as quais auxiliam o profissional a encarar este grave problema. Esse enfrentamento irá se refletir positivamente no desenvolvimento dos alunos como um todo.

Porém percebemos que além do esforço individual e coletivo dos gestores e professores para ajudar essas crianças em sua formação pessoal e intelectual,

é preciso que se articulem ações das áreas da Educação, Justiça e Saúde, na elaboração de propostas de intervenções, que atuem nas causas dessa violência.

Pois um gestor é um coordenador agente da transformação social e precisa de esforço humano coletivo, onde precisa mover suas energias em prol de um objetivo, que é o sucesso do processo ensino – aprendizagem. Porém este é um desafio, permeado de complexidade, pois a instituição escola é marcada por diferentes sujeitos em suas diferentes realidades, estas devem ser respeitadas e por isso não basta apenas possuir competência técnica, é preciso acreditar na educação, em uma escola mais humana, justa, fraterna, solidária e democrática.

Portanto, é necessário que cada vez mais o profissional da educação, gestores e professores, tenham além de muito amor pelo seu trabalho, consciência que para enfrentar a complexa realidade das escolas é necessário uma gestão consciente que a vida de um ser humano toma como referência a sua fase da infância e juventude, por isso essa fase deve ser bem vivida e bem trabalhada.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVAY, M. Et Al. **Escolas Inovadoras**: experiências bem-sucedidas em escolas públicas. ABRAMOVAY, M. (org). Brasília: UNESCO, 2003.

ALMEIDA, Júlio Gomes. **A intervenção (im) possível no cotidiano de uma escola**: relato de um diretor de escola na rede pública municipal. Tese ( doutorado ) São Paulo, USP, Faculdade de Educação, 2003

AZEVEDO, M. A. e Guerra, V.A.A. **A violência de pais contra filhos**: Procuram-se Vítimas. São Paulo: Cortez 1984

\_\_\_\_\_. **Infância e violência fatal em família**: primeiras aproximações ao nível de Brasil. São Paulo: Iglu, 1998.

ANTUNES, H. S. (Org). **Escola que Protege**: dimensões de um trabalho em rede. Porto Alegre. Asterisco, 2010.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**.Portugal: Edições 70, 1977.

BRASIL. Ministério da Saúde. Construindo uma linguagem comum. In: Brasil. Ministério da Saúde. **Violência Intrafamiliar**: orientações para pratica em serviço. Brasília: secretaria de Políticas de saúde, 2001<sup>a</sup>. p13-26.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Estatuto da criança e do adolescente**. Brasília: 1990.

BRASIL. Ministério da Saúde (1993). **Violência Contra a Criança e o Adolescente**. Proposta preliminar de prevenção e assistência à violência doméstica. Brasília, DF.

Cardia, N. **A Violência Urbana e a Escola**. Contemporaneidade e Educação, 2(2), 26-69, 1997.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em ciências humanas sociais**. 2.ed.São Paulo: cortez, 1995.

CURY, C. R. J. O Conselho Nacional de Educação e a Gestão Democrática. In:

OLIVEIRA, Dalila Andrade (org.). **Gestão democrática da educação: desafios contemporâneos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997. p. 199-245.

DEMO, Pedro. **Gestão Escolar e Formação de Gestores**. Em Aberto, v. 19, número 75, p. 148-150, julho de 2002. Brasília, DF

DUARTE e, J C e Arboleta, M. R C. **Malos tratos y abuso sexual infantil**. Madri, Siglo. Veinteuno de Spanâ, 1997, capl.

FALEIROS, E.; FALEIROS, V. **Escola que protege: Enfrentando a violência contra crianças e adolescentes**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2007.

FERRARI, Dalka C. A., Tereza C. C. Vecina. **O Fim do silêncio na violência familiar: teoria e pratica**. (orgs)- São Paulo: Agora, 2002.

FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar**. São Paulo. Olho D'água. 6. ed., 1995.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Terra, 2006.

GIL, Antonio. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1987.

Guia escolar: **Métodos para identificação de Sinais de Abuso e Exploração Sexual de crianças e adolescentes/ Benedito Rodrigues do santos...Etal, Rita Ipoplito: coordenação técnica 2.E atual,-- Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos e Ministro da Educação, 2004, 163.p.**

LUCK, Heloisa. **Perspectivas da Gestão Escolar e Implicações quanto a Formação de seus Gestores**, Em Aberto, Brasília, v. 17, n. 72, p. 7-10, fev./jun. 2000.

LIBÂNEO, J. C.; OLIVEIRA, J. F.; TOSCHI, S. M. **Educação Escolar: políticas, estrutura e organização**. 10º Edição. São Paulo - SP. Cortez, 2011

**Manual de Proteção Escolar e Promoção da Cidadania**, Sistema de proteção escolar, São Paulo, 2009.

MATURANA H.; REZEPEKA, N. S. **Formação humana e capacitação**. Petrópolis. Vozes, 2002.

MINAYO, M.C.(Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

OLIVEIRA, Zilma M.R. **Avaliação da aprendizagem e progressão continuada; bases para a construção de uma nova escola**. Estudos em Avaliação Educacional. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, no. 18, jul./dez.1998, p. 7-12.

PARO, Vitor Henrique. **Gestão Democrática da Escola Pública**. São Paulo: Ed. Ática, 1997.

**Revista Paulista de Pediatria**.Vol.26 nº4 São Paulo Dec.2008.

RICOTTA, Luiza. **Quem grita perde a razão: a educação começa em casa e a violência também-** são Paulo: Annablume, 1999

SANTOS , B. R. et al. Guia Escolar: **métodos para identificação de sinais de abuso e exploração sexual de crianças e adolescentes**. Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos: Ministério da Educação, 2004.

SILVA, Jerônimo Jorge Cavalcante. **Gestão escolar participada e clima organizacional**. Gestão em Ação, Salvador, v.4, n.2, p.49-59, jul./dez.2001



**ANEXOS** \_\_\_\_\_

**Anexo - A****TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE**

Você está sendo convidado(a) para participar, como voluntário, em uma pesquisa. Após ser esclarecido(a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável. Em caso de recusa você não será penalizado(a) de forma alguma.

**1. Dados de identificação****Título do Projeto**

Reflexos da Violência Doméstica na escola: Um desafio para o Gestor Escolar.

**Pesquisador Responsável:** Letícia Gonçalves Borin Moro

**Instituição a que pertence o Pesquisador Responsável:** Universidade Federal de Santa Maria

**Telefones para contato:** (55) 99379586

**Endereço para contato:** Rua 24 de fevereiro, Bairro Nrs Senhora de Lourdes.  
Bloco E, ATP.304

**2. A justificativa, problema(s) a investigar e objetivos da pesquisa:**

Meu interesse sobre o assunto surgiu quando fiz estágio extracurricular em uma Escola Municipal de Educação Infantil de Santa Maria e notava frequentes mudanças tanto de humor quanto no comportamento das crianças. A partir daí, passei a me interessar pelo assunto, aprofundei as minhas reflexões e dei origem ao meu estudo de final da graduação. Nele investiguei as consequências que a Violência Doméstica causou ao longo do desenvolvimento de algumas acadêmicas do curso de Pedagogia. Agora, neste trabalho pretendo entender o outro lado, o dos profissionais da educação que recebem estas crianças na

escola, pois, a violência é uma realidade da maioria das escolas, que convivem tanto com a Violência quanto com crianças vítimas de violência doméstica.

Este assunto faz-se de suma importância para nós profissionais da educação, visto que ele está presente em praticamente todas as escolas e, principalmente, nas salas de aula de todo o país. Entendo que seja também obrigação nossa tomarmos providências em prol de melhores dias para estas crianças, pois casos de crianças que sofrem violência sempre existiram, mas costumavam ficar trancados dentro das casas, como um segredo entre o agressor e o agredido.

Hoje o que nos parece é que os casos de violência aumentaram, mas o que aconteceu é que ela se encontra mais visível para a sociedade. Antes casos de violência eram problemas internos das famílias. Essa mudança de paradigma tem como contribuição às inúmeras leis que foram sendo criadas a partir da década de 80, em defesa dos direitos das crianças e dos adolescentes, dando oportunidades para a sociedade denunciar os agressores, e assim buscar alternativas para enfrentar este problema. Dessa forma, entendo ser necessário enfrentar a questão da Violência Doméstica como sendo um problema de todos nós, ou seja, um problema social.

Partindo para uma pesquisa entre gestoras de uma escola municipal de Santa Maria, essas englobam professora, orientadora Educacional e coordenadora. Dessa forma, apresento como problema de pesquisa o seguinte questionamento: **Será que os profissionais da Educação, englobando professores e gestores escolares, estão preparados tanto para identificar quanto para tomar as devidas providências em casos de crianças que chegam à escola vítimas de Violência Doméstica?**

O objetivo geral desta pesquisa é analisar como os gestores da Escola Municipal Adelmo Simas Genro, enfrentam os casos de crianças que chegam a escola vítimas de Violência Doméstica.

E os objetivos específicos são: 1) Identificar os conhecimentos dos gestores sobre o tema violência doméstica e como percebem seu papel frente ao tema; 2) Investigar quais os procedimentos tomados pelos gestores em caso de identificarem crianças vítimas de violência doméstica; 3) Verificar como se dá a preparação dos gestores para enfrentar os casos de Crianças vítimas de violência que chegam a escola.

### **3. Os procedimentos a serem utilizados:**

Esta pesquisa será desenvolvida a partir de uma abordagem de cunho qualitativo e sobre o enfoque do estudo de caso, tendo como método para a coleta dos dados o questionário. Para análise dos dados, irei utilizar a análise de conteúdo. A pesquisa teve como colaboradoras uma professora, a coordenadora pedagógica e a orientadora educacional. Ambas gestoras da Escola Municipal Adelmo Simas genro.

### **4. Garantia de resposta a qualquer pergunta. Liberdade de abandonar a pesquisa sem prejuízo para si. Garantia de privacidade**

Ressaltamos que compreendemos o esforço dos pesquisadores para realizar tal atividade de pesquisa e abrimos o referido espaço para a realização das práticas de pesquisa, as quais sejam necessárias, desde que as mesmas não interfiram na estrutura organizacional da Instituição.

Nós

---

---

fomos informados (as) dos objetivos da pesquisa de maneira clara e detalhada. Recebemos informações a respeito da metodologia que será implementada e esclarecemos nossas dúvidas. Sabemos que em qualquer momento poderemos solicitar novas informações e modificar nossa decisão se assim desejar.

A pesquisadora certifica-se de que os dados coletados na pesquisa serão utilizados conforme foram divulgados no contexto e os nomes serão fictícios para que se preserve a identidade dos sujeitos.

Caso houver novas perguntas sobre este estudo podemos chamar a Professora Leticia Gonçalves Borin Moro, no telefone 99379586 para qualquer esclarecimento sobre os direitos como participantes deste estudo ou se pensamos que fomos prejudicados (as) pela participação na investigação.

Declaramos que recebemos cópia do presente Termo de Consentimento.

Santa Maria, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

Nome: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
Assinatura do(a) pesquisado

Nome: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
Assinatura do(a) pesquisado

Nome: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
Assinatura do(a) pesquisado

**Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Santa Maria**

Avenida Roraima, 1000 - Prédio da Reitoria - 7º andar - Sala 702

Cidade Universitária - Bairro Camobi

97105-900 - Santa Maria - RS

Tel.: (55)32209362 - Fax: (55)32208009

e-mail: comiteeticapesquisa@mail.ufsm.br

**Anexo B****Roteiro do questionário com as Gestoras**

- 1- O que você entende por Violência Doméstica?
- 2- Quando são identificados casos de crianças que chegam à escola vítimas de violência doméstica, quais são as providências tomadas? Porquê?
- 3- Como percebe seu papel de gestora frente a esse tema?
- 4- Você acredita estar preparada para agir frente a casos de Violência Doméstica que chegam a sua escola? Comente.
- 5- Você, na sua formação ou na sua área de trabalho, já participou de cursos de preparação para enfrentar casos de crianças vítimas de violência doméstica? Estes acrescentaram na sua formação, como gestora, para enfrentar essas questões?